

# Um ano após a crise econômica: alguns reflexos sobre o Brasil e o setor lácteo

Glauco Carvalho, Lucas Campio Pinha e Guilherme Fonseca Travassos

A crise financeira internacional iniciada nos Estados Unidos gerou uma série de conseqüências em diversos países, com impacto imediato em preços, crédito, taxas de juros e deterioração das expectativas. O lado real da economia foi contaminado em seguida, refletindo em piora na produção, emprego e renda. O comércio mundial também foi afetado e medidas protecionistas foram adotadas por diversos países, sejam eles desenvolvidos ou não. Passado um ano da intervenção do Governo Norte Americano nas gigantes do setor hipotecário Fannie Mae e Freddy Mac e o pedido de concordata do Lehman Brothers, alguns indicadores já voltaram ao patamar pré-crise. Por outro lado, ainda existem questões não equacionadas e seqüelas da crise. O objetivo deste artigo é analisar alguns indicadores da economia mundial e brasileira em paralelo com o mercado de lácteos.

## Ambiente mundial

As últimas previsões do Fundo Monetário Internacional, realizadas em outubro, indicaram um cenário bastante adverso para o PIB mundial em 2009, com queda de 1,1%. Já para 2010, espera-se uma recuperação da economia e um PIB voltando a crescer 3,1%. No entanto, o crescimento não será generalizado em todos os países e algumas variáveis como emprego e investimento demoram mais para responder à incentivos (Fig. 1).

Os países emergentes, em média, acabaram demonstrando uma desaceleração menos acentuada da economia, graças principalmente ao desempenho da China e Índia. No próximo ano, as projeções de PIB indicam expansão de 5,1% nos economias emergentes e de apenas 1,3% nas economias avançadas. China e Índia devem continuar se destacando no crescimento mundial, com expansão de 9,0% e 6,4%, respectivamente.

Por outro lado, a questão do emprego ainda deve continuar como o grande desafio internacional. Assim, mesmo com uma recuperação do crescimento mundial, melhorias no nível de emprego tendem a ocorrer muito lentamente. A oferta de emprego é algo difícil de estimular, pois demora a responder a estímulos de política monetária ou fiscal. Os países desenvolvidos, que estavam mantendo taxas de desempregos relativamente estáveis antes da crise, novamente viram seus índices piorarem de forma mais acentuada com previsão de superar 9% em 2010 (Fig. 2). Os países emergentes também tiveram deterioração na oferta de emprego, ainda que em menor grau aos níveis das economias desenvolvidas.

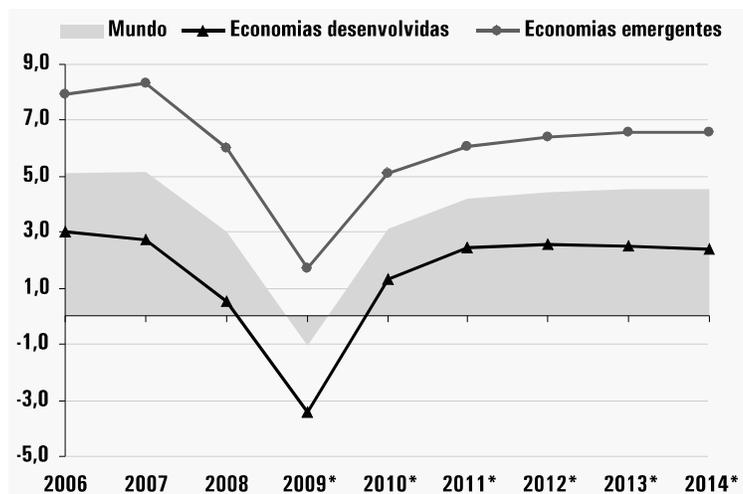


Fig. 1. PIB e grupos de países: variação anual (%).  
\*Previsão.

Fonte: FMI. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

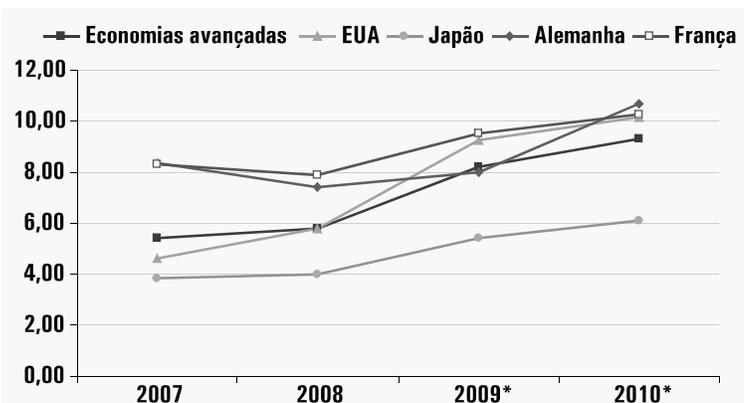


Fig. 2. Taxas de desemprego em países desenvolvidos: variação anual (%).

\* Previsão.

Fonte: FMI. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

No mercado de commodities, o efeito da crise foi sentido rapidamente, visto a perspectiva de menor crescimento econômico, restrições de crédito, desaceleração de investimentos e arrefecimento da demanda. Analisando o Índice CRB, que inclui commodities agrícolas, metálicas e energéticas, verifica-se forte queda a partir de junho de 2008, quando atingiu 441 pontos, chegando ao patamar de 212 em fevereiro de 2009, uma queda de 52% (Fig. 3). Ao longo do primeiro semestre de 2009 verificou-se ligeira recuperação, mas bem aquém do patamar pré-crise.

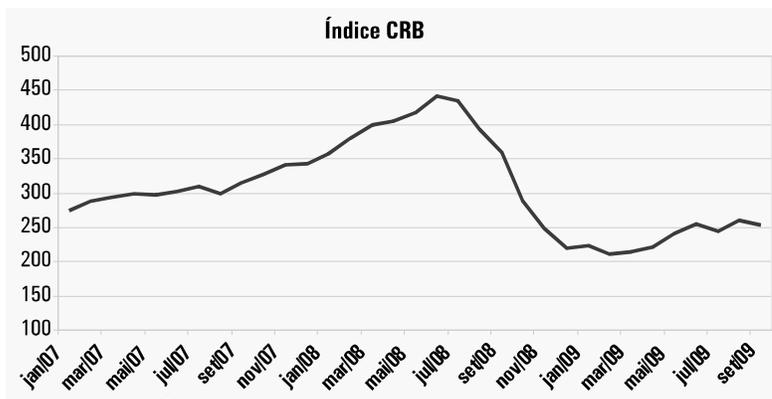


Fig. 3. Índice CRB: valores mensais.

Fonte: Bloomberg. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

### A situação brasileira

A situação do Brasil durante a crise foi bem peculiar e já no segundo trimestre de 2009 o país voltou a crescer, com uma expansão de 1,9% em relação ao trimestre anterior (Fig. 4). Apesar de ter passado por momentos de queda logo após o início da crise, o Brasil foi um dos primeiros países a retomar o crescimento, devido a melhorias dos fundamentos macroeconômicos conquistadas nos últimos anos, juntamente com algumas ações do governo que incentivaram esta retomada. O carro-chefe do crescimento do PIB foi o consumo das famílias, que subiu pelo 23º trimestre consecutivo, o que pode denotar um aumento do poder aquisitivo dos brasileiros.

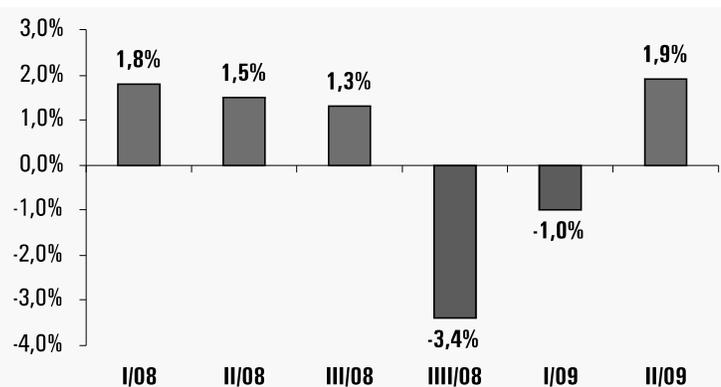


Fig.4. PIB do Brasil: variação trimestral (%).

Fonte: IBGE. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

Em contrapartida, os investimentos ainda estão longe do nível pré-crise. Em comparação com o primeiro trimestre, a formação bruta de capital fixo se manteve estável, porém se comparado com o segundo trimestre de 2008, nota-se um recuo de 17%, sendo a maior retração já registrada neste tipo de comparação. Aliás o investimento tem sido um grande gargalo para alavancar a economia brasileira. Como percentual do PIB, o investimento do segundo trimestre foi de apenas 15,7%, o que é muito baixo para sustentar um crescimento da economia em patamar mais elevado. Na China, por exemplo, o investimento representa quase 50% do PIB.

O PIB de serviços apresentou alta de 1,2% frente ao primeiro trimestre de 2009, e foi o único dos setores econômicos (serviços, indústria e agricultura) que cresceu frente ao mesmo período do ano anterior, com 2,4%. A indústria, por sua vez, cresceu 2,1% frente ao primeiro trimestre, mas recuou 7,9% ante o segundo semestre de 2008. Por fim, o setor agrícola recuou em ambas as comparações: 0,1% frente ao primeiro trimestre, e 4,2% se comparado com o mesmo período do ano anterior.

Como dito, o Brasil foi um dos primeiros países a superar a fase mais aguda da crise. Considerando alguns indicadores econômicos e comparando a situação atual com a de setembro do ano passado, verifica-se que a maioria dos setores que já retomaram ao nível pré-crise foram aqueles que tiveram apoio

do governo através de políticas anticíclicas. Neste grupo estão, por exemplo, as vendas de veículos no mercado interno, beneficiadas pela redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e pelas melhorias das condições de crédito, na esteira da queda da Taxa Selic pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central. A maior oferta de crédito pelos bancos públicos também contribuiu para a expansão dos financiamentos e do consumo interno.

O Índice de volume de vendas do comércio varejista, apurado pelo IBGE, atingiu 150,95 pontos em setembro de 2009, um nível 8 pontos acima do registrado em setembro do ano passado, de 142,24 pontos. A inflação controlada ajudou a manter a renda dos trabalhadores e sustentou as vendas dos supermercados. Nos primeiros oito meses desse ano o volume de vendas dos supermercados subiu cerca de 7,2% em relação a igual período do ano passado, segundo o IBGE. O Índice de confiança do consumidor, da Fundação Getúlio Vargas, está em patamar semelhante ao verificado antes da crise, o que mostra que a confiança do consumidor vem se recuperando rapidamente. De fato o setor de serviços e o comércio varejista sofrem pouca influência do setor externo, onde a crise teve maior impacto.

Por outro lado, os indicadores que dependem do desempenho do mercado e são influenciados pelo setor externo, como a produção industrial, balança comercial e confiança dos empresários, por exemplo, estão ainda abaixo do nível pré-crise. A confiança dos empresários da indústria está em recuperação, mas ainda em patamar bem inferior ao registrado em setembro de 2008. Os segmentos exportadores, por exemplo, têm sido bastante penalizados pela valorização da taxa de câmbio, que também está prejudicando a competitividade brasileira no mercado internacional de lácteos.

**Tabela 1.** Indicadores que melhoraram se comparado ao período pré-crise.

	set/08		set/09
Taxa de desemprego	7,7% da PEA	▲	7,7% da PEA
Índice de volume de vendas no varejo	142,24	▲	150,95 <sup>1</sup>
Índice de volume de vendas em supermercados	127,63	▲	145,27 <sup>1</sup>
Índice de confiança do consumidor	112,7	▲	114,5 <sup>2</sup>
Ibovespa	49.541 pontos	▲	61.517 pontos
Rendimento médio real recebido pelo trabalhador	R\$ 1.224,68	▲	R\$ 1.346,70
Venda de automóveis	268,6 mil	▲	308,7 mil

<sup>1</sup> Agosto/2009. <sup>2</sup> Outubro/2009.

**Tabela 2.** Indicadores que pioraram se comparado ao período pré-crise.

	set/08		set/09
Índice de produção física industrial	136,2	▲	125,6
Exportações	U\$ 150.811 milhões <sup>3</sup>	▲	U\$ 111.779 milhões <sup>3</sup>
Importações	U\$ 131.150 milhões <sup>3</sup>	▲	U\$ 90.469 milhões <sup>3</sup>
Produção de automóveis	300,2 mil	▲	275,3 mil
Utilização da capacidade instalada	86,3%	▲	82,8%
Índice de confiança da indústria	120,3	▲	112,1

<sup>3</sup> Acumulado de janeiro/2009 a setembro/2009.  
**Fonte:** IBGE, Anfavea, Ipeadata, FGV. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

## O setor lácteo nacional

A alta dos preços dos produtos agrícolas em 2007, que se estendeu até junho de 2008, estimulou a oferta em vários países, porém com a crise econômica instaurada esses preços sofreram forte retração até o fim do ano de 2008. Em 2009 verifica-se uma ligeira recuperação dos preços internacionais, mas bem aquém do patamar pré-crise (Fig. 5).

No Brasil, tanto a captação de leite e quanto as exportações responderam rapidamente ao cenário de expansão mundial verificado no período que antecedeu a crise financeira. Todavia, o recuo dos preços internacionais de lácteos, a valorização do real frente ao dólar e a recessão que contaminou a economia global afetou diretamente as exportações brasileiras. Além disso, a forte queda dos preços do petróleo deteriorou o poder de compra de importantes parceiros comerciais que dependem dessa commodity, como é o caso da Venezuela.

A receita com exportação de produtos lácteos chegou a atingir US\$ 69,4 milhões em setembro de 2008, e foi diminuindo gradativamente nos meses seguintes. Em setembro de 2009 os embarques somaram apenas US\$ 8,2 milhões, refletindo o recuo no volume exportado e no preço médio (Fig. 6). Em 2009 o cenário de superávit se inverteu e o volume de importações tem permanecido acima das exportações. O déficit comercial registrado até setembro é de US\$ 76 milhões, indicando que um dos pilares de demanda que esteve presente nos últimos três anos desapareceu, restando somente a absorção doméstica.

No âmbito do produtor, a crise econômica teve reflexo tanto nos preços do leite como também nos insumos utilizados na produção. Pelo Índice de Relação de Troca (IRT), calculado pela razão do índice de preço pago ao produtor pelo índice de custo (ICPL Leite), pode-se verificar dois aspectos. O primeiro é que o IRT de setembro/2009 está mais favorável que o observado ao longo de 2008. Isso porque a crise teve reflexo também nos preços de importantes insumos utilizados na produção de leite, como fertilizantes e ração, inibindo movimentos de alta nos custos. O segundo aspecto, que é prejudicial ao produtor, indica uma relação de troca com tendência declinante, se aproximando de uma situação desfavorável ao produtor. Isso por sua vez tende a prejudicar os investimentos e a expansão da produção de leite.

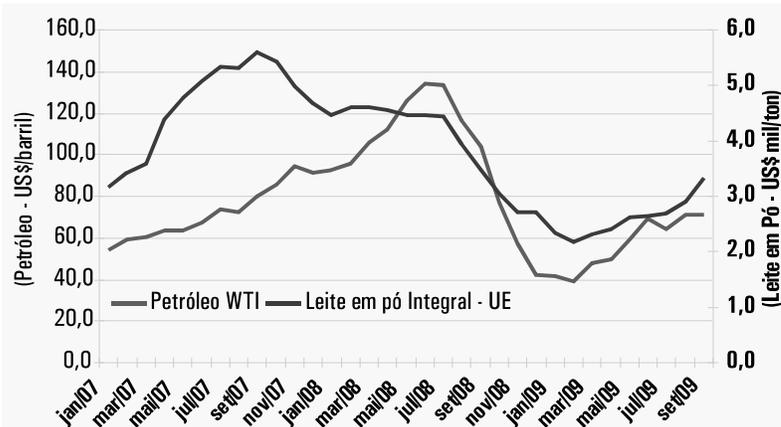


Fig. 5. Preços do petróleo e do leite em pó integral.  
Fonte: Bloomberg; USDA. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

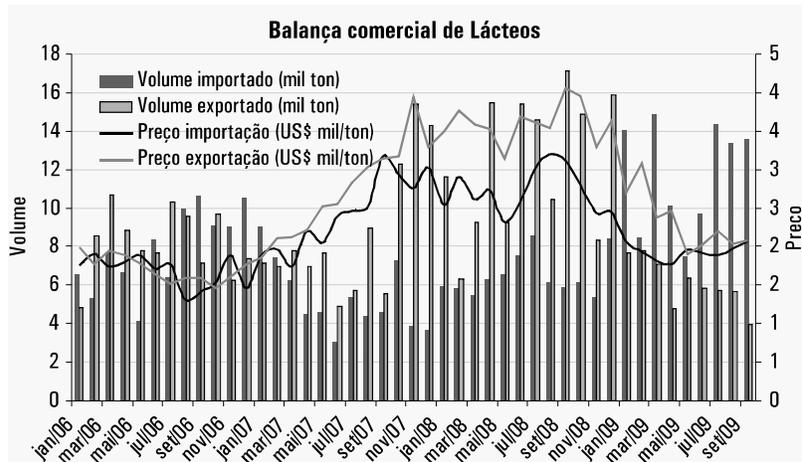


Fig. 6. Balança Comercial de Lácteos brasileira.  
Fonte: Secex. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

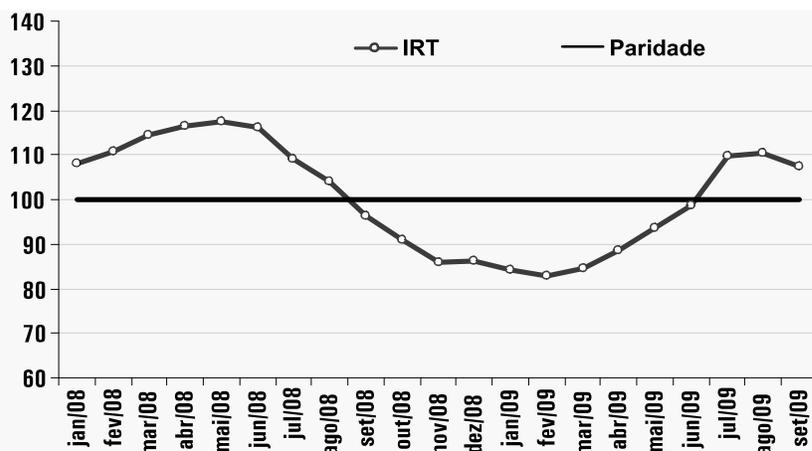


Fig. 7. Índice de relação de troca e paridade: dados mensais (base: janeiro/2006).

Fonte: Banco de dados da Embrapa Gado de Leite.